

## AS NOSSAS ASSOCIADAS

Carlos Jorge Silva,  
Presidente do Conselho de Administração d'A Beneficência Familiar

**“O novo edifício vai permitir-nos ter novos e inovadores serviços na área do Mutualismo”**

A Beneficência Familiar – Associação de Socorros Mútuos, do Porto, faz do trabalho em rede e da partilha de serviços uma fórmula de acrescentar valor aos seus cerca de 46 mil associados. Está a terminar um investimento significativo na requalificação do edifício da sua secção funerária, e tem outro, ainda maior, na calha: a reabilitação do edifício-sede.



Carlos Jorge Silva

**A Beneficência Familiar tem um histórico muito ligado às noções de trabalho em rede e em partilha. De que forma é que esses princípios são levados à prática?**

Um exemplo muito claro foi a mudança radical do programa de arquitetura da nossa nova sede, quando

assumimos funções executivas na Beneficência Familiar. Estava previsto que fosse um edifício de consultórios médicos para autonomizarmos a prestação de cuidados de saúde aos nossos associados, mas achamos que isso seria muito perigoso, porque metade dos utentes da clínica da Liga do Porto são nossos associados e tenho muitas dúvidas que conseguíssemos suportar ambas as situações, além de que não faria sentido estarmos a desperdiçar recursos. Decidimos instalar na nossa sede serviços complementares, nomeadamente os meios complementares de diagnóstico e a fisioterapia, continuando as consultas de especialidade a ser garantidas através da Clínica da Liga.

Esta noção de partilha tinha que existir e essa partilha só existe quando há confiança entre as pessoas, quando as instituições e as pessoas que estão à frente delas se habituam a dialogar, a trabalhar e a decidir em conjunto.

**Esta noção de rede deve ser aprofundada no seio do Mutualismo?**

Tem que ser assim. Há ganhos para toda a gente. Vai ser preciso que as farmácias das instituições filiadas na UMP dialoguem entre si para criarem uma cen-

tral de compras, teremos que atravessar o rio Douro e ir à farmácia da Liga de Gaia estabelecer pontos de contacto para junto dos laboratórios termos outra força. Um Movimento como o nosso, com a força que tem, deve ser capaz de se entender em questões práticas.

### **A diversificação da atividade e o trabalho em rede e partilha de serviços são apostas contínuas da Beneficência Familiar.**

Já no Século XX, tínhamos tido uma secção funerária em conjunto com outra Associação Mutualista que deixou de existir e, com a Cooperativa do Povo Portuense, chegámos a ter uma escola do ensino primário e, com mais sete Associações, criámos a Liga do Porto, para prestar serviços de assistência médica e medicamentosa.

No tempo do Presidente António Reis, retomámos a secção funerária e criámos a parte relativa ao turismo social, inicialmente com viagens organizadas por nós e que agora alargamos a outras possibilidades, muitas vezes em parceria com Câmaras Municipais e outras entidades, sempre com preços interessantes.

Através da Mutuália e da mutualista francesa MGEN, disponibilizamos aquele que será o melhor seguro de saúde. Também através da Mutuália, temos produtos de poupança, como o complemento de reforma, poupança jovem e proteção no desemprego. Por sugestão de uma mediadora privada de seguros, apresentamos aos nossos Associados um seguro automóvel e um seguro multirriscos, mas, neste caso, não passamos de meros veículos de informação.

### **E, para o futuro, estão planeadas novos serviços e atividades?**

Estamos a estudar, com uma paróquia que já tem um projeto na cidade do Porto, a criação de uma residência sénior, com 60 camas, centro de dia e infantário de proximidade a locais de trabalho. Já passou da fase de viabilidade e plano de negócios, mas ainda há muita pedra para partir para chegarmos a bom porto. O que já temos fechado é o processo de nova sede.

### **Caixa Económica prepara-se para dar um “grande pulo”**

A Caixa Económica do Porto (CEP) é uma instituição financeira anexa à Beneficência Familiar. Nasceu em 1905, empresta sobre penhores e capta depósitos, remunerando. Tem cerca de 7 milhões de ativos e é uma micro instituição financeira tutelada pelo Banco de Portugal.

A “reputação absolutamente imaculada” é um ativo importante da instituição que se confronta com a necessidade de modernizar a sua relação com o cliente que, para movimentar a sua conta, tem forçosamente que se deslocar ao balcão. “O que estamos a fazer é tratar de tornar as contas movimentáveis através da chamada banca online e de cartões”, explica Carlos Jorge Silva. O que está em causa é tornar a CEP uma instituição que funcione de maneira simples e acessível, para que, qualquer pessoa, independentemente da sua idade, possa ter uma conta e até domiciliar pagamentos.

“Quando tivermos estas ferramentas que estamos a negociar com a SIBS, com entidades da área do software, com o Banco de Portugal, que representam um investimento muito grande, então teremos a CEP a dar o pulo”, acrescenta. Um “grande pulo” em terreno conhecido, “sempre numa lógica conservadora” e sem a tentação de enveredar pelos grandes negócios, com grandes margens de risco.

# AS NOSSAS ASSOCIADAS



A sede atual

## A reabilitação da sede, em frente ao Mercado do Bolhão, é o grande desafio que a Beneficência Familiar tem pela frente?

Quando foi adquirido em 2009, o edifício já nos custou 4,5 milhões de euros, o projeto, com as últimas alterações, fica por perto de meio milhão de euros no total, e as obras de reabilitação do edifício e os equipamentos estruturantes, cerca de 5,5 milhões de euros. Este e qualquer outro projeto que façamos, tentaremos que seja sempre através de financiamento para, se por qualquer razão não correr bem, não contaminar o resto da atividade da Associação.

### O que vai mudar?

Vai mudar tudo. Desde logo, vamos eliminar essa barreira arquitetónica tremenda que obriga os nossos Associados a terem que subir uma escadaria íngreme para se deslocar aos nossos serviços ou à Universidade Sénior.

O novo edifício vai permitir-nos ter novos e inovadores serviços na área do Mutualismo. A começar pelos meios complementares de diagnóstico, como as ecografias e raio x que não existem no universo mutualista, pelo menos no Porto, por uma farmácia social a trabalhar em conjunto com a da Liga do Porto. Teremos uma cantina social, cujo serviço de catering vamos protocolar com uma entidade da área social, que esperamos venha a ser uma boa oferta para quem trabalha na baixa, por um preço muito mais interessante.

O edifício terá uma sala polivalente, que também será um salão nobre quando se quiser, terá uma sala de



Imagem da sede após requalificação

informática para a Universidade Sénior e gabinetes que poderão ser utilizados para diversas finalidades, por exemplo para uma nutricionista que tem de apoiar as pessoas que vão frequentar os dois outros pisos, onde funcionará um SPA, com um tanque, fisioterapia tradicional subsidiária da clínica fisiátrica da Liga, mas também fisioterapia de prevenção, espaços de ginásio e balneários. Teremos ainda espaços para a Caixa Económica do Porto, sala de reuniões e o backoffice da Associação.

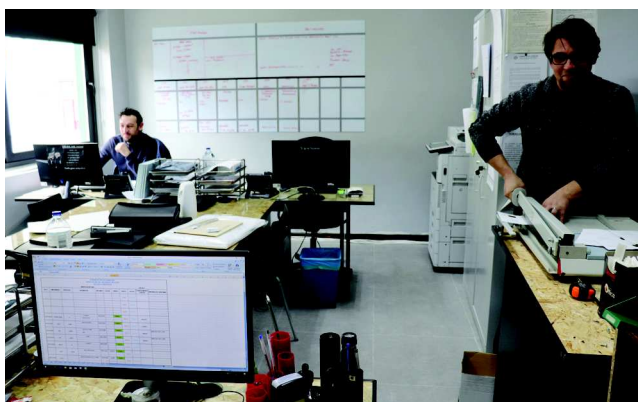
## Quais os grandes desafios que o Mutualismo tem pela frente?

O primeiro desafio, que é imediato, é a reunificação do Movimento. A existência de duas instituições de nível superior não favorece em nada, pelo contrário, o Movimento Mutualista. Com isto, não quero dizer que têm organicamente que se fundir. Acho que valeria a pena. Foi o que fizeram os empresários, que também estavam reunidos em duas grandes instituições e uniram-se. No Mutualismo, não somos assim tantos, nem temos massa crítica suficiente para termos mais do que uma instituição de nível superior. Nós integramos as duas, somos bem recebidos em ambas e não sentimos qualquer incómodo. Há alguns pontos em que as pessoas se deveriam sentar e, em nome do Mutualismo, entenderem-se.

O outro grande desafio é o Código das Associações Mutualistas [CAM]...

### Qual é a sua posição sobre ele?

O CAM tem uma série de aspetos gravosos, desde logo a questão da idoneidade, que não está regulamentada



e que o próprio texto confunde com elegibilidade, que são coisas completamente diferentes. Impõe restrições inadmissíveis ao nível dos mandatos, que revelam desconhecimento do que se passa na prática. Passar a tutela de Associações Mutualistas de uma dimensão que só atinge o Montepio Geral e o Monaf para a supervisão da Autoridade de Supervisão dos Seguros e Pensões é tentar credibilizar uma coisa que não pode ser feita assim, porque são universos completamente diferentes. O que devia acontecer era munir a Segurança Social de instrumentos para fiscalizar.

Coisas como estas e outras mais que estão no Código têm que ser alteradas. Nós ganhamos força se estivermos unidos, se todos dissermos o mesmo ao Ministério, aos partidos políticos, à Assembleia da República, aos sindicatos na negociação dos Contratos Coletivos de Trabalho e por aí adiante. O Mutualismo precisa disso. Depois, precisa de se rejuvenescer, de ser atrativo para os jovens. ■

### Secção Funerária com edifício requalificado presta serviço de “grande qualidade”

A Beneficência Familiar está a terminar um investimento significativo na requalificação do edifício da sua secção funerária, de forma a responder às exigências da legislação, acautelar a separação de funções e eliminar barreiras arquitetónicas.

A secção funerária emprega 25 trabalhadores e a sua maior preocupação é prestar um serviço de “grande qualidade” e prossequindo “boas práticas”, ao melhor preço possível para os seus Associados, não deixando de garantir a sua própria sustentabilidade.

